

# Vale-Jupits

## Este livro vale 3 jupits

Para ativar as jupits do seu livro scanize com o seu telefone o código em baixo ou siga as instruções manuais. Faça o scanner do código através de uma das aplicações da Jupiter Editions. Não é necessário instalar obrigatoriamente nenhuma aplicação, podendo converter as jupits em alternativa no site da Jupiter Editions através da Conta Jupiter ou enviar um email, seguindo as instruções.



## O seu livro é um passaporte.

**\*O seu passaporte vale em toda a sociedade Jupiter e perante os parceiros da sociedade Jupiter\***

### Política de Privacidade

Quando comprou o livro, o leitor teve de consentir que a Jupiter Editions armazenasse os dados pessoais como o email e telefone para efeitos de comunicação e gestão da Conta Jupiter e emissão do Cartão Jupiter com os dados do leitor. A Jupiter Editions protege os seus dados. A qualquer momento poderá enviar um email para [manager@jupitereditions.com](mailto:manager@jupitereditions.com) com o código-assunto “DATA” exercendo o seu Direito ao Esquecimento, solicitando o apagamento dos seus dados no nosso sistema informático ou solicitando a portabilidade dos seus dados conforme a nossa Política de Privacidade que pode ser consultada online em [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com)

## PROMOTORES

Compre um livro. Se gostar e quiser promovê-lo, nós devolvemos o seu dinheiro.

Seja um agente da Jupiter Editions. Celebre conosco um contrato de promoção ou agência. Entre em [contato](#)

Se impulsionar 3 vendas a Jupiter Editions devolve imediatamente o seu dinheiro mesmo que não tenha celebrado um contrato de promoção ou de agência. Para tal, deverá pedir aos seus amigos/ familiares/ colegas/ conhecidos/ clientes que escrevam o seu nome no momento da compra e entrar em contacto através do email [jupitereditions@jupitereditions.com](mailto:jupitereditions@jupitereditions.com) com o assunto “PROMO3” para devolvermos o seu dinheiro.

Para celebrar connosco um contrato promocional ou de agência entre em contacto através do email [manager@jupitereditions.com](mailto:manager@jupitereditions.com)

\* Esta página pode ser sua \*

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email [publisher@jupitereditions.com](mailto:publisher@jupitereditions.com). A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

# TRADUTORES

Se gostaria de traduzir um dos nossos livros em uma das nossas 12 línguas, entre em contacto

Um tradutor da Jupiter Editions fica com direitos de autor sendo pago mensalmente com as vendas do mês. Um tradutor da Jupiter Editions pode ficar com uma percentagem de até 12% do lucro líquido da venda de cada livro.

A Jupiter Editions dá sempre preferência, para além dos tradutores certificados, aos estudantes universitários ou artistas ou desportistas profissionais que tenham nascido num país com a língua mãe de umas das 12 línguas ou sejam nativos estrangeiros da língua-alvo em que se propõem traduzir, desde que comprovem que dominam a língua e que são capazes de fazer a tradução e a revisão.

\* Esta página pode ser sua \*

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email [publisher@jupitereditions.com](mailto:publisher@jupitereditions.com). A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©



## CASTING

Mostre o seu talento no casting de seleção de atores para a transformação do livro 2080 de Antoine Canary-Wharf em filme. Brevemente.

### **CINEMA E REALIZAÇÃO**

Para participar no casting de curtas e longas metragens das cenas do livro 2080 de Antoine Canary-Wharf bastará apresentar à entrada o livro 2080 de Antoine Canary-Wharf ou ter um livro-bilhete SIX OFF THE RECORD.

A entrada no casting sem a posse do livro 2080 de Antoine Canary-Wharf ou do livro-bilhete SIX OFF THE RECORD poderá ser admitida com o pagamento de uma contrapartida até 50€.

A Jupiter Editions dá sempre preferência a novos atores. Para este casting procuram-se algumas personagens que tenham skills de surf e bodyboard e falem alemão/ holandês/ espanhol/ inglês.

**Quem vem em cadeira de rodas passa sempre à frente, porque a personagem principal pode, de repente, ir parar a uma cadeira de rodas!**

\* Esta página pode ser sua \*

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão ou siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email [publisher@jupitereditions.com](mailto:publisher@jupitereditions.com). A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©



## CASTING

Vamos adaptar o livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom para teatro. Traga o seu livro para o casting de seleção de atores e suba ao palco. Brevemente.

## TEATRO E REPRESENTAÇÃO

Para participar no **Casting – O Deus Tecnológico de Simão Roncon-Oom** bastará apresentar à entrada o livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom ou um livro-bilhete SIX OFF THE RECORD. A entrada sem a posse de um dos livros poderá ser admitida com um custo de até 30€.



## CASTING

Encarne as personagens d'O Algoritmo do Amor de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala no casting de seleção de atores para a representação teatral do livro. Brevemente.

Para participar no **Casting – O Algoritmo do Amor** bastará apresentar à entrada o livro *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala ou um livro-bilhete SIX OFF THE RECORD. A entrada sem a posse de um dos livros poderá ser admitida com um custo de até 50€.

\* Esta página pode ser sua \*

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão, que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email [publisher@jupitereditions.com](mailto:publisher@jupitereditions.com). A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

**Este demo está protegido e reserva  
todos os Direitos de Autor.**

**A obra deste demo foi iniciada no  
dia 25 de outubro de 2019 e foi  
registada no dia 14 de fevereiro de  
2020.**

**Se neste momento, por algum  
motivo, não puder comprar o livro  
do autor, a Jupiter Editions sugere  
que faça um donativo ao autor para  
o IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

**O seu donativo é muito importante  
para proteger a qualidade de  
escrita do autor e não deixar o  
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor  
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o  
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o  
IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

# A Jupiter Editions apostou em 9 livros de novos 9 autores.

O principal objetivo do donativo é a proteção da qualidade de escrita.

Por defeito, se os donatários nada disserem sobre o destino a dar, o donativo será 99% para os autores, cabendo 11% a cada um dos 9 autores e o 1% remanescente será destinado à filantropia da Jupiter Editions como a Plantação de Árvores, o Combate à Fome ou o Combate ao Lixo. O donativo pode ser feito por conta de qualquer um dos fundos que a Jupiter Editions pretende abrir e desenvolver. O donativo pode ser destinado 100% a um autor ou a uma missão.

O donativo pode ser anónimo, mas a Jupiter Editions sugere ao donatário que se identifique, sobretudo, se financiar a voz de um dos autores, para que o autor possa agradecer em nota pessoal. Basta enviar um email para [manager@jupitereditions.com](mailto:manager@jupitereditions.com) com o assunto DONATING e com o comprovativo da transferência bancária.

Se o donativo for destinado a um autor e se com o comprovativo da transferência for ainda anexada alguma fotografia ou mensagem do donatário, a Jupiter Editions obriga-se a reencaminhar o email ao autor.

Por favor, veja a nossa Política de Privacidade, para saber como é que os seus dados são tratados pela Jupiter Editions.

A Jupiter Editions não cede, nem vende os seus dados a nenhum parceiro.

A Jupiter Editions só pode ceder os dados dos Member Readers que tenham aceitado que uma determinada empresa ou parceria comunicasse com os Member Readers. Se uma nova parceria for aprovada pelo Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis Para o Futuro, a Jupiter Editions pergunta na Conta Jupiter aos Member Readers interessados em facultar os seus dados à nova parceria, explicando aos Member Readers a importância dessa mesma parceria. Quando as empresas parceiras/ parcerias contactarem os Member Readers, logo no 1º contacto devem anunciar a parceria com a Jupiter Editions, para que o cliente consiga ver com nitidez as parcerias e a sua importância para a sustentabilidade das empresas num mercado altamente competitivo.

©Jupiter Editions

# CAVALEIROS TECNOLÓGICOS

Barac Bielke

Registo nº346/2020SIIGAC/2020/840DATA: 2020.02.14

## JUPITER EDITIONS

Print Your Heart with Jupiter Editions©

Siga o autor

# @baracbielke

## Cito

«“Amo-te” é a palavra-chave que torna o contrato de namoro automático, nem é preciso escrever em lado nenhum, por isso é que é tácito. Dar beijinhos e dizer amo-te é o comportamento concludente para o contrato de namoro. Não é preciso fazer mais nada... Depois é só oficializar o “pedido de namoro”.» *In **Jupiter***, de Gabriel Garibaldi.

«O tato é tão importante como o olfato, a visão, o paladar, a audição e a intuição.

Sentir na pele as coisas! Deixar a pele sentir!  
Ver o nosso maior órgão que nos reveste a  
interagir sensorialmente com quem  
amamos. Ver a nossa pele, o nosso órgão,  
todo o nosso organismo a reagir com quem  
amamos. Ver o nosso corpo simplesmente  
a mexer-se! Ver o nosso coração  
simplesmente a bater por quem amamos!»  
*In* **O Algoritmo de Amor**, de Jaime Maria  
Bayamonde da Costa Ayala.

**À Lei de Lavoisier.**

Porque **amor, com amor se paga.**

Como um romance se pode transformar num desgosto,  
**um desgosto** também se pode transformar **num**  
**romance.**

Porque na Natureza **nada se perde,**  
**tudo se transforma.**

**Barac Bielke**

**ESTE DEMO CONTÉM  
PASSAGENS COM LINGUAGEM  
DE CARIZ SEXUAL FORTE.**

**NÃO PODENDO SER IMPEDIDA  
A LEITURA A NINGUÉM, UMA  
VEZ PUBLICADO O DEMO NO  
SITE DA JUPITER EDITIONS, A  
JUPITER EDITIONS, NO  
ENTANTO, RECOMENDA A SUA  
LEITURA SÓ A MAIORES  
DE 16 ANOS.**

**SE TIVER MENOS DE 16 ANOS,  
POR FAVOR FECHÉ O DEMO.**

**JUPITER EDITIONS**

# CAVALEIROS TECNOLÓGICOS

Barac Bielke

JUPITER EDITIONS

Print Your Heart with Jupiter Editions©

Henri.

“Henri, o que estás a fazer?” perguntei.

Henri estava a meter o carro para cima de um monte, onde ele também sabia que não havia rede. Ele também via a rede.

“Sabes onde é que estamos Arthur?” perguntou-me Henri.

“Sei. Em cima de um monte.”

“Mas sabes porque é que viemos para cima deste monte?”

“Não.”

“Tu sabes. Por isso, é que vens para aqui namorar com o Thomas.”

“Do que é que estás a falar?”

“Sabes que aqui não há rede. Descobriste uma vez, quando estavas a falar com o Thomas ao telefone e vieste para aqui e o sinal da chamada caiu. Repetiste 5 vezes em 5 dias consecutivos e concluíste que aqui não havia rede.”

“Como é que sabes isso?”

“Porque eu e o Ralf Kleba-Kodak seguimos o teu *Target – A Pegada Digital*.”

“Não estou a achar piada e estás a assustar-me...”

“Aqui, não tens de ter medo comigo. Estamos num *bunker*. E foste tu que o descobriste. É como se tivéssemos ido parar a um poço sem sair da terra. Um *bunker* é uma estrutura subterrânea de betão, escura, com paredes super espessas, sem janelas, onde não há rede... Onde a rede não chega e onde os hackers não chegam...”

“Eu sei o que é um bunker, Henri...”

“Aqui podias sacar-me os bicos que quisesses, que o Thomas nunca iria saber.”

“Que raio de conversa é essa Henri? Destranca o carro, quero sair...”

“Arthur, tu não te lembras, mesmo, de mim, pois não?”

“O quê?”

Henri pegou no telefone, olhou-me perversamente de soslaio e através do telefone dele, hackeou os meus óculos. À frente, apareceu-me um holograma tal e qual em realidade virtual aumentada. Não era a minha mente que estava a fabricar aquele filme. Era demasiadamente real. Sabia que era um filme que a minha mente não fabricaria. A minha mente estava a ver comigo aquele filme e a minha mente e o meu *terceiro olho* saíram os dois daquela realidade virtual aumentada e viram que o Henri me tinha enviado uma mensagem tecnológica ultrassecreta para os meus óculos. Eu tinha-o visto a mexer no telefone... Mas o quê? Tinha óculos 4 D e não sabia?

“O que é que estás a ver?” perguntou Henri a rir-se.

Eu estava assustado. Aquela tecnologia era demasiado avançada para mim e baralhou-me por alguns segundos. Tive de saber que não era a minha mente a ver nada nem a fabricar nada daquilo. O Henri enviou-me uma memória. Era eu a entrar no site da *E. Studios*, a clicar no Henri, no meio de todos os outros modelos nus, a escolher tecnologicamente o Henri, no

meio de todos os modelos, abrindo um vídeo dele e a masturbar-me em frente à câmara do meu primeiro PC.

“Já percebeste agora? Foi por isso, que eles me escolheram. Eu sou um algoritmo do teu passado. Tu não te lembravas de nada, pois não?”

“Não.”

Eu estava chocado... Envergonhado... Tinha achado o Henri, desde o princípio, muito familiar. Como tinha achado todos, muito familiares. Mas espiritual como sou, achava que o conhecia de outra vida, de outro mundo paralelo. E afinal, estava ali a resposta do mundo paralelo. Conhecia-o de uma janela virtual que tinha aberto nos meus tempos de puberdade em que via pornografia. Eu só ia ao *site* (...) para ver o Henri. No meio de todo aquele porno, eu imaginava um romance com ele. Em que, numa síndrome de Estocolmo, estávamos presos à indústria pornográfica, mas só contracenávamos um com o outro. Construía ali uma história de amor platónica entre mim e o Henri. Era cego por ele. Acordava a pensar nele e ia ao *site* para

o ver, (...). E antes de me deitar, ia sempre vê-lo para o teletransportar todos os dias para os meus sonhos.

É claro que hoje, era uma experiência que ocultaria a qualquer um dos meus namorados. Dizer que via pornografia era algo que me envergonharia. (...) dizia que não via pornografia. Que vi uma vez ou outra, na flor da idade, mas que achei horrível e não vi mais. E criticava muito a indústria pornográfica. Dizia que havia uma objetificação que as empresas de pornografia faziam sobre os seus modelos e que deveria ser mais investigada e averiguada por parte do Ministério Público de cada país onde estivessem sediadas as empresas. Conspirava que haveria ali um aproveitamento empresarial da vulnerabilidade económica ou estado psicológico e emocional dos modelos. Não conseguia imaginar, como é que alguém na escola, quando o professor perguntasse o que queriam ser quando fossem grandes, respondessem que queriam ser prostitutas ou atores pornográficos. Normalmente os humanos dizem sempre ou que se querem casar, ou ter filhos, ou encontrar a sua alma gémea. E a pornografia nunca me pareceu um mundo que os humanos desejassem ir para lá parar, a não ser que precisassem de dinheiro para “sobreviver” e não soubessem fazer mais nada do que serem bons na cama.

(...) Há quem seja feliz com uma prancha de surf (...) sem piscina, nem iates. Há quem tenha iates e piscinas, veja pornografia, consuma drogas e esteja deprimido. E há quem esteja a ser visto na pornografia, drogado, infeliz e deprimido. E uma das minhas grandes preocupações, era se as empresas drogavam ou não os seus modelos. (...)

E às vezes, o Henri parecia drogado nos vídeos. Parecia que tinha sido drogado. E fazia-me uma confusão ver como é que rapazes lindos de morrer, se sujeitavam àquilo. Porque é que iam parar à pornografia?! Parecia que não batia certo... Porque é que aqueles modelos, com corpos perfeitos, caras comerciais, estavam ali em frente às câmaras a serem esporrados na cara, a levarem com jatos de esperma de 2 ou 3 de uma vez, a abrirem a boca daquela maneira e a deitarem a língua para fora daquela maneira, à espera de levarem com mais um banho de esperma e engolirem tudo à frente das câmaras? Deixarem as câmaras acompanhar o movimento do esperma a descer pela garganta? E abrirem, depois outra vez, a boca, para as câmaras verem que não havia truques cinematográficos nenhuns, a porem a língua para cima, a deixarem as câmaras inspecionarem a boca toda, a porem o dedo na boca e puxarem a bochecha para mostrar que não havia

esperma nenhum alojado, senão vestígios? A mostrar que tinham engolido tudo? Mas tinham-lhes pago 200 milhões ou quê? (...) Nem 200 €? Para conseguirem ter 1000 €, tinham de fazer 5 vídeos daqueles???? Alguma coisa não batia certo... Não podia bater certo... Com droga, as coisas começam a não bater certo... Então, concluía, que, de certeza, que eles são todos lindos de morrer, mas são todos uns drogados. Ou apareceram drogados a bater à porta da empresa, ou a empresa drogou-os quando os trancou naquela porta tecnológica. Porque deve ser preciso estar completamente drogado, para estar metido naquele mundo.

Eu estava metido no meu mundo com o Henri. Vi-o a contracenar sempre com atores diferentes, mas imaginava-me sempre ser um desses atores com quem ele “fazia amor” e era assim que a minha tecnologia de realidade virtual aumentada funcionava naquele meu amor platónico fiel. E aprendi uma coisa muito engraçada com que eu tinha nascido. Para além de ser humano e ter sentimentos e deixar-me seduzir pela beleza do corpo humano, (...) eu até no meio de todo aquele porno, eu era fiel e tinha um foco. Naquela montra virtual de modelos nus, que era o que era o *site*, eu olhei para todos e escolhi um. E foi sempre ele. Foi sempre com ele. Só me atraía por ele. Era o Henri que

me atraía. E por isso, só via os vídeos dele, quando podia ver os vídeos de todos os outros. Quando entrava no *site*, apareciam logo vídeos de outros modelos a darem, sem eu carregar no *play*; e eu tinha de navegar cegamente, sem nenhum esforço, “naquele corredor” tecnológico cheio de quartos com as portas abertas e semiabertas com os modelos nus na cama a convidarem-me para me deitar com eles, à procura do Henri. E lá o encontrava sempre com um ator diferente. E tecnologicamente, eu desencaixava o ator do colo do Henri e tecnologicamente encaixava-me ao colo dele.

E vi que tinha nascido com o algoritmo da fidelidade instalado em mim. Que era um ser humano e um ser amoroso. Que tinha nascido para estar amorosamente com outro ser humano. Mas só com um ser humano. E que ser fiel não era “não poder estar” com outro cavaleiro, quando andávamos a cavalgar no cavalo do nosso cavaleiro, mas simplesmente “nem sequer estar predisposto para andar” no cavalo senão do nosso cavaleiro. Querer estar só ao colo do nosso cavaleiro, que em sábias cavalgadas nos levava para todas as infinitas cavalgadas que teríamos com todos os outros cavaleiros de mundos paralelos. Sentia a força do algoritmo em mim, que me outorgava o nobre feitiço

“um só cavaleiro e até ao teu cavaleiro, um cavaleiro de cada vez”.

“Não te lembras mesmo de nada?”

“Não.”

“Pois, o Thomas deve ter-te feito mesmo uma grande cirurgia aí.. Ele apagou-me da tua mente... E eu agora vou ter de me vingar dele...”

“O quê?”

“Com toda aquela tecnologia, todas as manhãs e todas as noites, até tardes que passavas em casa por causa de mim, a veres-me cada centímetro, a desejares-me cada centímetro, a ocupares cada centímetro da tua mente comigo, tu tinhas-me gravado na tua alma. Era a mim que me trazias nessa tua alma. Foi a mim que me gravaste primeiro no teu coração. E eu gravei legitimamente o meu espírito, com a tua autorização, em ti. E o Thomas foi lá, onde a minha tecnologia tinha chegado e gravado em ti o meu espírito, e tirou de lá o meu espírito. Desgravou o meu espírito e gravou o espírito dele por cima. (...) Eu fui todo tesudo atrás de ti, não estava mais ninguém no balneário, tínhamos o

balneário só para nós, aquilo não te pareceu óbvio? Era óbvio que estava ali todo nu para ti! Mas tu, cego pelo Thomas, nem sequer me viste nu, quando me vias todos os dias nu e te vinhas vezes sem conta por causa de mim. Ele arrancou-te de mim. E agora eu vou ter de te arrancar dele.”

“Ou destrancas o carro ou eu parto-te a boca e o vidro do carro!”

**Hugo.**

Eu queria ter acabado com ele depois daquela viagem *supertecnológica*. Vínhamos no autocarro. Eu queria dar-lhe as mãos e ele recusava. Eu queria dar-lhe

um mimo e ele recusava. Eu queria conversar com ele e ele suspirava e dizia que não me queria ouvir, porque o estava a aborrecer, o estava a enervar, o estava a cansar e não tinha respeito pelos problemas tecnológicos dele, que ele tinha de ir a resolver durante a viagem no *Facebook* e no *Instagram*, porque eram conversas muito importantes que ele tinha que ter durante a viagem, muito mais importantes do que me dar as mãos ou conversar comigo. Eu nem podia chorar. Porque se chorasse, ainda mais o enervava.

Sáímos do autocarro e fomos para as cavalições, mas no caminho ainda teve a coragem de comentar um cavaleiro tecnológico que passou por nós a cavalo com o telefone na mão, sem tirar os olhos de nós e do telefone, dizendo que já tinha dado uma volta com ele e que se não namorasse comigo não se importava nada de ainda dar mais uma ou outra volta com ele, porque ele era tão bom na cama como a montar a cavalo.

Assim que chegámos às cavalições ferrei-me a chorar. Disse-lhe que queria acabar tudo. Já não aguentava as conversas charradas dele. Já não aguentava aquelas viagens tecnológicas com ele num perturbador silêncio, em que viajava ao lado de um estranho e não de um namorado. Já não aguentava andar com ele na rua e ele sempre mais à frente que eu na rua e depois

vir-me com a conversa dos lobos; que o lobo alfa vai sempre à frente, quando o lobo alfa vai é no final da fila. É que nem lobo alfa que ele tanto queria ser, nem sabia ser! Era horrível andar atrás dele na rua, e não ao lado dele. E era horrível ouvir os imensos cenários de mundos paralelos que ele montava, forçando-me imaginar com ele e com a mente dele se nós não namorássemos, quando os filmes de mundos paralelos que a minha mente fabricava eu aparecia sempre (como) namorado dele.

Sempre que vinha ter comigo, aparecia-me de charro na mão a cheirar sempre a erva, a suor, que era a mesma coisa! Ele adorava estar montado a cavalo todo charrado. Dizia que se sentia poderoso. Dizia que via toda a história do homem num filme tecnológico que o charro lhe dava. Dizia que a tecnologia dele era o charro. Ainda nem nos tínhamos sequer beijado e ele já ascendia outro charro. Por muito que me custasse admitir, eu andava a namorar um drogado. Nós nunca tínhamos estado juntos em nenhum dia do nosso namoro que ele não tivesse “fumado umas” antes.

Mas ele trouxe uma nova conversa, ainda mais surreal, ao ver-me ferrado em lágrimas nas cavalariças.

Veio-me com a conversa dos *ferraris* e dos *lamborghiniis*. Referiu-se aos rapazes “giros” com quem tinha andado e aos rapazes “giros” que andavam atrás dele como *ferraris* e *lamborghiniis*. Mas quem é que é o insólito, para não chamar outro nome, que “denomina” de *ferrari* ou *lamborghini* os “rapazes giros”? (...)

“Arthur, eu amo-te! Tu sabes os *ferraris* e os *lamborghiniis* com quem eu já tive. Rapazes de sonho. Com corpos de sonho. E eu em ti não me importo que tu não tenhas um corpo de sonho, porque eu amo-te. Tu sabes que não há ninguém capaz de te amar mais do que eu! Tu sabes disso! Sabes que se eu quisesse eu podia ter agora na mão o *ferrari* ou o *lamborghini* que eu quisesse, mas eu amo-te é a ti, Arthur! Não acabes comigo, por favor! Eu amo-te! Não sei mais viver sem ti! Tu és tudo o que eu sempre quis! Eu não te quero fazer sofrer! Eu só te quero fazer feliz! E tu sabes que eu te posso fazer feliz! O teu lugar é comigo! Desculpa, eu não te queria fazer chorar! Tu és lindo! És um ser lindo! Eu amo-te! Não queria ter-te dito aquilo no autocarro! Desculpa-me! Por favor, desculpa-me! Eu amo-te! É claro que tu não me cansas! Eu adoro a tua voz, Arthur! Como é que eu podia cansar-me dela? Aquilo foi do momento, desculpa! Por favor, perdoa-

-me! Eu amo-te! Mais ninguém vai amar como eu te amo! Acredita em mim! Nós fomos feitos um para o outro! Eu não te vou mais fazer sofrer! Acreditas em mim? Eu amo-te! Olha-me nos olhos! Não consigo parar de chorar, por ti! Acreditas em mim?”

“Acredito.”

“Desculpa, eu amo-te!” e abraçou-me.

“Vou telefonar aos meus pais para vires lá dormir. Quero que os conheças! E eu nunca levei ninguém lá a casa! Esta vai ser uma das minhas provas de amor por ti! E os meus pais vão adorar-te, vais ver!”

O avô do Hugo estava perto das cavaliças e apanhámos boleia do avô dele para a casa dos pais do Hugo. Assim que chegámos, reparei logo como era tecnológica a casa dele. Dentro do Jipe à frente do portão, enquanto o Hugo “ia buscar” a aplicação no telefone para abrir o portão, avistei logo umas quantas câmaras. Fomos entrando muito devagarinho, fui “estudando” onde havia câmaras instaladas ao longo do jardim e vi 4 cães e um robot que se dirigiam a nós para nos receber, enquanto os pais dele estavam sentados na esplanada os dois com o telefone, lado a lado.

Imaginava que o robot teria inteligência artificial suficiente e os cães, um feroz tecnológico suficiente para passarem toda a informação em tempo suficiente aos pais dele. Imaginava que o robot processaria instantaneamente as minhas micro expressões faciais, os meus sorrisos artificiais, os meus medos tecnológicos; e sentados na esplanada, os pais dele cumprimentar-me-iam já detentores de uma informação tecnológica privilegiada sobre a minha personalidade. Seria essa a espiritualidade tecnológica deles.

“Bem-vindo, Arthur! Vocês devem vir esfomeados... Mas já têm a mesa do almoço posta para vocês. Vou só mostrar-lhe a casa e ficam logo à vontade. Têm a casa para vocês o dia todo. Nós vamos sair com o meu pai e só voltamos à noite para jantar convosco.” disse simpaticamente a mãe do Hugo.

Havia câmaras por todo o lado. Não era só no jardim. Era no hall, na cozinha, na sala de jantar, na sala de estar, até nos quartos. E a mesa do almoço estava muito bem posta, com dois cachos de uvas, duas romãs rachadas, uma taça com morangos, uma taça com nozes, uma taça com tâmaras, uma taça com camarões e uma

garrafa de vinho. (...) Mas havia três câmaras apontadas à mesa “bem-posta” que dava um filme 3 D muito bem-posto na minha cabeça. E lembrava-me que um dos lemas dos cavaleiros tecnológicos, era que “com papas e bolos se engavam os tolos”. Mas seriam até os pais dele, cavaleiros tecnológicos? Seria até o avô, um cavaleiro tecnológico? Esse avô que rondava as cavalariças e onde nos deu a boleia tecnológica até à maçonaria tecnológica?

Mas os beijos e os apalpões que o Hugo me deu, assim que o avô e os pais dele saíram fizeram absorver-me só nele e pensar que toda aquela tecnologia seria tão-só para os bandidos e para os gatunos. E eu não era nem bandido nem gatuno. E lembrava-me que os cavaleiros tecnológicos eram ladrões de corações. Mas logo embebido em todo aquele (tão-só meu) amor, ao sabor daquele vinho que deixava taninos na boca, ia chorando de felicidade e ia “debitando” desalmadamente naquela mesa bem-posta os meus medos, contando uma ou outra cavalgada que tinha tido com um ou outro cavaleiro. E o Hugo fazia o mesmo. E agarrava-me ao colo (...) e aos braços dele, eu cantava e ele dizia-me que ia fazer de mim um rouxinol.

Mas eu não queria que ele fizesse de mim um rouxinol! Eu gostava de cantar como estava a cantar.

Gostava de desafinar. Gostava de estar só a cantar. Gostava de estar só a expressar-me. Sem me importar com recursos estilísticos, matemáticas, pautas de músicas, guiões de teatro ou gramática. Só queria cantar. Só me queria expressar como eu sabia expressar-me. Não queria que ninguém me visse com os seus olhos tecnológicos e me quisesse pôr a render no mercado, como uma nova tecnologia. Não queria que nenhum namorado me visse com os seus olhos comerciais e me quisesse pôr a render no mercado, como um produto dele. Que me pusesse a render, como um produto do amor dele. Afinal a canção saia-me assim, porque estava aos braços dele. Afinal eu desbobinava, porque o vinho destrancava tudo aquilo que eu tinha fechado a 7 chaves. E os cavaleiros tecnológicos, tinham todas as chaves tecnológicas capazes de se encaixarem algoritmicamente em cada uma das minhas fechaduras.

Daquele colo tecnológico ao paladar anafrodisíaco dos morangos, das romãs, das nozes e das tâmaras, (...) fomos, (...) parar (...) ao quarto dele, (...). As persianas baixaram ao sabor da ordem do Hugo, que deu a ordem através da sua doce e rouca voz. Adormecemos. E dali fui depois teletransportado por ele, aos braços dele, para a mesa do jantar, que me

encaixou perfeitamente na cadeira. Chegámos à mesa antes dos pais dele. E depois dali fui outra vez teletransportado por ele, ao colo dele, da mesa do jantar ao quarto dele. Assim que os pais dele saíram da mesa, ele levantou-se, arrancou-me da cadeira e realizou o teletransporte. Assim que cheguei ao quarto ao colo dele, pôs-me de pé e por detrás de mim, fazendo-me ajoelhar, baixou-se encaixado comigo de cócaras. E tentando penetrar-me, eu tremia e tombava.

“Tu és todo desengonçado! Não sabes fazer nada! Mete as duas mãos no chão para te equilibrares! Quero-te de 4! Não sabes ficar de 4, porquê? Que raiva! Fazes tudo mal! Não sabes o que é ficar de 4?”

“Desculpa, Hugo! Mas eu nunca estive assim de 4...”

“Estás a tremer por todo o lado para quê? Agora perdi a tesão, por causa de ti!”

“Desculpa, Hugo!”

“Esses teus medos que trazes doutros cavaleiros e doutras cavalgadas, prejudicam tudo. Parece que não me veneras. Que não me adoras. Se me venerasses, não eras

desengonçado e eras submisso. Se adorasses cada parte do meu corpo punhas-te logo com o rabo empinado, pronto para levar a noite toda... Mas tu tens vergonha de empinar o teu rabo para mim, pelos vistos!... Eu sou o teu namorado, não podes ter vergonha de empinar o rabo para mim! Todos os namorados empinam os rabos para os seus namorados. Mas tu não empinas o teu para mim e eu sou o teu namorado... Sabes a quantidade de rapazes que davam tudo para estar no teu lugar? Eu tenho imensos rapazes *ferrari* e *lamborghini* atrás de mim e tu sabes!... Sabes, que o que eles mais querem é levarem no *cú* a noite toda de um gajo como eu; porque eu sou o sonho deles, sou o sonho de qualquer gajo! E eu sou o teu namorado e tu não és capaz de aproveitar isso... Quantos rapazes davam tudo para estar no teu lugar?... Pensa nisso! Devias pensar mais nisso e não só em ti... Se eu estou contigo é porque te amo! Tu sabes, os rapazes *ferrari* e *lamborghini* com quem eu já estive e os rapazes *ferrari* e *lamborghini* com quem eu podia estar, mas és tu quem eu amo! Mas por mais que eu te ame, eu quero alguém, não interessa quem, mas alguém que me venere, que adore cada parte do meu corpo...”

“Eu adoro cada parte do teu corpo...”

“Que me veja como um Deus...”

“Eu vejo-te como um Deus...”

“Que me diga que eu sou o homem mais perfeito...”

“Tu és o homem mais perfeito!”

“Então se sou, para a próxima faz as coisas como deve de ser!”

Eu e a câmara, com a nossa *night vision*, vimo-lo a sair do quarto toscamente, deixando-me ali atirado e abandonado ao chão. Arrastei-me num silencioso chorinco até à cama dele, trepando-a. Passado meia hora vesti lã nos pés e numa silenciosa passada fui à procura dele. Vi-o de longe deitado, fortemente abraçado ao colo da mãe que estava sentada no sofá e que debruçada também o abraçava fortemente. Voltei para o quarto. Passado meia hora fui outra vez espreitá-lo à sala e vi-o em frente à TV aos risos a ver um filme de guerra com armas laser numa galáxia qualquer... Voltei para o quarto. Passado meia hora voltei a espreitá-lo e vi-o deitado no sofá de barriga para cima agarrado ao telefone a jogar um jogo qualquer... Voltei para o quarto.

Apetecia-me simplesmente pegar num martelo e rachar-me todo. Martelar-me. Sentia-me completamente martelado. Aquilo eram como marteladas atrás de marteladas. Eu estava a ser martelado por inteiro. Mas o que é que eu estava ali a fazer? Porque é que eu não me ia simplesmente embora? (...) Tinha de ficar ali. Tinha de passar por aquele processo? Com aquela câmara ali, tinha de passar por aquele processo tecnológico? Como é que eu (ainda) estava ali há uma hora e meia sozinho no quarto dele, depois de ele me ter chamado desengonçado, por não saber como colocar-me de 4?

Passado duas horas voltou com os olhos em lágrimas, abraçou-me e pediu-me desculpa pela forma como me tinha falado. Disse que me amava, que eu era o homem da vida dele, que os pais dele me tinham adorado ao jantar e que a mãe dele me tinha achado um rapaz muito bonito e muito educado. E era sempre isto. Ora esmagava-me o coração. Ora enchia-me o coração. Ora tirava-me o fôlego todo. Ora bafejava-me, enchendo-me os pulmões. E eu adorava o bafo dele! Ora dava-me vida, ora tirava-me o alento.

Pedia-me desculpa e eu desculpava-o.

Pedia-me desculpa e eu esquecia-me de tudo.

Perguntava-me se eu o queria mamar e eu dizia-lhe que sim, que o queria mamar.

E punha-me a mamar debaixo dos lençóis dele todo tapado.

E ao longo do ato, ia-me sentindo desconfortável. Não via ali amor nenhum. Estava ali tapado a mamá-lo e ele nem me estava a ver. Era como se estivéssemos de luz fechada, de olhos fechados e pudéssemos imaginar outras pessoas. Eu sabia lá o que é que ele estava a imaginar. Se calhar, imaginava-se numa orgia. Se calhar, imaginava outro rapaz ali a mamá-lo. Mas era eu que o estava a mamar. Porque é que ele nem olhava para mim? Porque é que ele me cobria com os cobertores? (...)

Ele vinha-se e pronto. Não me deixava mais vir-me.

“Não te vais vir aqui na cama. Nem te vais vir para cima de mim, como deves calcular. Eu vim-me na tua boca, não sujei os lençóis. E não me apetece mudar os lençóis só porque te vieste em cima deles, quando

podias muito bem vir-te noutro sítio. Vai bater uma para a casa de banho, se quiseres.”

(...) Parecia, agora que me tinha arrancado o espírito. Parecia que me tinha arrancado o coração. Parecia mesmo que tinha aberto o meu peito, enfiado a mão dele dentro do meu peito e agarrado o meu coração arrancando-o para fora e trazendo o meu coração para o “mundo cá fora”. Mas logo enchia-me de beijinhos, dizia-me uma dúzia de “amo-tes” e com o seu olhar angelical governado pelos seus olhos azuis que me hipnotizavam no seu governo, fazia-se ilegitimamente parecer um anjinho, um ser divino, um mensageiro, dizendo-se ser um dos *Anjos Tecnológicos* enviados para mim d’O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. E eu, na minha espiritualidade, acreditava. Acreditava sempre. Porque ele sabia que eu “via Deus” em tudo, e por isso mexia(-me) com esse “meu Deus”. Mexia com as minhas emoções e com a minha espiritualidade. Sabia como o fazer. (...)

E deixando-me naquele amoroso clima angelical, foi encher a banheira de hidromassagem com água quente para tomarmos os dois um sumptuoso banho,

que ele dizia que *O Deus Tecnológico*, de Simão Roncon-Oom, o tinha enviado para me oferecer “um banho dos deuses”. E eu ouvia a água a correr e “sentia” a água a encher a banheira e já me tinha esquecido que aquele “*Anjo Tecnológico*” me tinha arrancado o coração. Pegou-me ao colo e teletransportou-me da cama à banheira. O teletransporte, como sempre, foram os musculados braços dele. De pé, na banheira, ficou por detrás de mim. Assim que ele me penetrou, veio-se logo. Parecia um vulcão dentro de mim. Conseguia sentir-lhe as veias e a pulsação no pénis dele enfiado em mim.

“*Foda-se!* Sujaste a água toda!”

“Desculpa... Eu vim-me ao mesmo tempo que tu... Não resisti a sentir-te a vires-te todo dentro de mim...”

“Mas eu vim-me dentro de ti! Não foi na água! Eu tive um trabalhão a encher a banheira de água para nós e tu agora sujaste-a toda! Isto foi um desperdício de água! Não pensas no ambiente! És um egoísta e um ingrato! Não tens cuidado nenhum!”

Ele mandou-me sair da banheira e mandou-me para o quarto dele, sem o banho tomado. Eu saí e fui

para o quarto dele prantear-me num incomensurável e esbaforido pranto. Quando ele voltou do seu sumptuoso banho, com os cabelos molhados penteados para trás, encharcado de perfume, veio logo abraçar-se asfixiando aquele meu pranto noutra dúzia de “amo-tes” e desensopando as lágrimas com a tecnologia que trazia carregada na ponta dos dedos das suas alienígenas mãos. Com aquela mão dele alienígena, que me cobria em festas a cara e a cabeça inteira, conseguia desgravar qualquer dor que ele me tinha provocado. E eu já me esquecia do “foda-se” dele e já estava hipnotizado no olhar dele a receber a imensa saliva que ele trazia nos beijos com língua que me dava. E adormecemos assim.

Acordámos no dia a seguir com o sino tocado pelo melhor amigo dele que tinha vindo de longe de mota. E vi o Hugo a mandá-lo embora, só porque não tinha sido avisado. Mas quem é que manda os amigos embora daquela maneira? E fosse de que maneira fosse, quem é que manda os amigos embora? Porque eu recebo os meus amigos com um grande abraço! E quando os meus amigos me aparecem em casa sem avisar, ainda mais os abraço, porque para mim é uma maravilhosa surpresa! A melhor surpresa de todas! Os amigos são como família! Aparecem e pronto! Mas será

que quem chama desengonçado ao namorado é quem também manda os amigos embora? (...)

“Não te metas na minha amizade com ele! Eu é que sei! Mande-o embora e vou mandá-lo sempre embora cada vez que ele vier sem avisar! Ele tem de aprender!”

“Mas ele não é o teu melhor amigo?”

“Sim, é!”

“Não entendo...”

“Não preciso que entendas! Preciso é que ele entenda e não pense em voltar a minha casa sem avisar, porque não vai entrar! Além disso, nós hoje vamos ter com ele, por isso não sei o que é que ele veio cá fazer.”

“Vamos?”

“Vamos!”

E fomos.

Levou-me para aquele túnel secreto lá do convento. Por detrás do convento metia-se um outeiro

que o tínhamos de descer com cordas numa espécie de rappel montado pelos cavaleiros tecnológicos. Depois do rappel, havia uma espécie de pântano que afundava o menor atrevimento e bravura. E ia-me desabafando na travessia pantanosa que um cavaleiro tecnológico tinha que ser atrevido e bravo e que o “nosso” apetrechamento tecnológico era, por isso, o atrevimento e a bravura. E voltava a repetir, que era preciso “sermos” atrevidos. E enquanto dizia que tínhamos de ser atrevidos “mandava-me” um chapadão no rabo. E eu já avistava o túnel e já avistava os cavaleiros tecnológicos à porta do túnel com os telefones “connosco” na mira e o Hugo batia-me com mais força no rabo e eu pedia-lhe que parasse por causa dos amigos dele. Mas ele não parava e batia-me com mais força no rabo e dizia-me que tínhamos era que ser bravos e atrevidos. Sabia que aquela cena o estava a deixar ereto, (...)

Aproveitando a lentidão da travessia pantanosa, por detrás de mim, agarrava-me com as mãos pela anca, mandava-me um chapadão por entre as nádegas, num movimento de vírgula puxado atrás com balanço e logo a seguir roçava-se todo. E eu ouvia os risos deles e o Hugo abafava-me as risadas com os sagazes “amo-tes” dele que me metia diligentemente na cabeça pelos

ouvidos, confundindo-me por completo. Eu já não sabia onde estava. Já não sabia quem era aquele Hugo. Já não sabia o que estava ali a fazer. Era essa a tecnologia dos cavaleiros tecnológicos: confundir. E quando ele sentia a minha própria tecnologia da minha própria natureza a achar uma luz naquilo tudo e lucidamente a decidir sair dali enquanto podia, o Hugo dizia que me amava e pedia-me que confiasse nele.

À nossa oficial chegada, eles desmontaram-se todos elegantemente dos cavalos. O melhor amigo dele trazia uma venda e culpou-me por eu ter sido a razão de o Hugo o ter mandado embora.

“A única forma de eu agora te perdoar e te fazer pagar pela minha humilhação é deixares-me humilhar-te à frente de todos nós, cegando-te os olhos com esta venda. Aceitas a minha vingança?” perguntou-me.

“Aceito.” respondi.

“Então, como cavaleiro beta desta malta de cavaleiros tecnológicos, declaro-te novo gama desta malta. Serei o teu padrinho desta malta. E sabes o que é

que os padrinhos têm de fazer aos seus cavaleiros gamas?” perguntou-me.

“Não, padrinho.”

“Têm de os carimbar. Aceitas ser por mim carimbado?”

“O que é ser carimbado?” perguntei.

“Aceitas ou não aceitas?”

“Posso ser carimbado pelo Hugo?” perguntei.

“Não podes. Porque o Hugo é o cavaleiro alfa e os cavaleiros alfas não carimbam os cavaleiros gamas. Quem pode carimbar os cavaleiros gamas são os cavaleiros betas. Todos os cavaleiros betas podem carimbar o cavaleiro gama, mas só depois de o padrinho o fazer. E sou eu o teu padrinho. Aceitas ser por mim carimbado?”

“Não tenho de pedir autorização ao meu namorado?”

“O que o Hugo mais quer, é ver-te seres carimbado pelos cavaleiros beta, por cada um de nós. Aceitas ser por mim carimbado?”

“Aceito.” respondi definitivamente.

O melhor amigo do Hugo, o meu padrinho de toda aquela malta, despiu à minha frente o polo ficando de tronco nu, pedindo-me que o imitasse. Olhei para o Hugo e o Hugo tirou o polo ficando também de tronco nu. E logo a seguir todos os outros cavaleiros betas tiraram ao mesmo tempo os polos num perfeito passo militarizado. Vi aquilo como uma prova de amizade. Um ritual de grupo. Vi ali uma praxe. Vi ali um protocolo. Vi ali uma etiqueta. Vi aquilo como uma brincadeira de rapazes, dos amigos do meu namorado, do grupo de amigos do meu namorado, e por isso, tirei também o meu polo. O meu padrinho aproximou-se, colocou a venda e enquanto me vendava, eu conseguia inalar o odor das axilas dele. Não sabia se era sem querer ou propositado. Estava vendado, por isso, não conseguia jurar que ele me tivesse posto uma das axilas dele à frente do nariz para cheirá-lo, para senti-lo, para memorizar-lhe o cheiro, para me excitar com o cheiro dele. Mas pelas risadas tecnológicas que eu ouvia, adivinhava que filmavam a cena com os telefones, cavaleiros tecnológicos como eles eram. Além de que não estava a ver senão ele a levantar propositadamente a axila enquanto me apertava a venda, para eu sentir o cheiro intenso daquela maneira. Eu não queria

memorizar-lhe o cheiro. Mas o cheiro dele instalava-se, alojava-se tecnologicamente no meu cérebro.

Senti o meu padrinho a afastar-se e senti outro cavaleiro a aproximar-se e a meter a axila dele no meu nariz. Agora sabia que estava no meio de uma qualquer prova. (...) Sabia que era outro cheiro de outro corpo masculino. E sabia que não era do Hugo. Então decidi introduzir a minha tecnologia no jogo tecnológico de cheiro deles.

“Não é o Hugo!” gritei.

E as risadas tecnológicas deles deram lugar a um novo silêncio.

Teria inovado ou atualizado aquela moderna maçonaria tecnológica?

Teria provocado prazerosamente a virilidade singular de cada um deles?

O meu padrinho voltou a aproximar-se e a meter a axila dele no meu nariz e eu clamei que era o meu

padrinho. O meu padrinho afastou-se e aproximou-se um novo beta e eu voltei a gritar que não era o Hugo. O cavaleiro beta afastou-se e aproximou-se o Hugo e eu clamei que era o Hugo. Sabia o cheiro dele de cor. Aquela minha tecnologia mereceu uma salva de palmas e uns valentes assobios deles. O meu padrinho ordenou que me ajoelhasse e eu ajoelhei-me. Ordenou-me que pusesse as mãos atrás das costas agarradas uma à outra e (...) alguém conseguiu algemar-me as mãos. Eu estava com as mãos algemadas. Conseguia sentir as algemas, sem nunca ter sido algemado. Depressa apareceu-me a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari à cabeça. Mas estava ali o meu namorado. Estava ali com o meu namorado. E não me podia esquecer que aquilo não passava de uma brincadeira. Eu tão-só teria que aderir à brincadeira. A minha adesão seria agora a chave, para me desalgemar daquela brincadeira tecnológica que se tinha transformada numa prisão tecnológica.

Começaram-me a “mandar” chapadas sem me magoar na cara. Mandavam-me as chapadas ao mesmo tempo que me davam festas e esfregavam as mãos na barba. Deixei-me estar. Estava para ali algemado e vendado.

Ouvi o “zip” das breguilhas e o barulho dos cintos. Voltou-me a vir a *Paranóide Tecnológica* de

Federico Ferrari à cabeça. Mas estava ali o meu namorado. Não podia acontecer nada de mal senão uma brincadeira. E acreditei na natureza inocente dessa brincadeira, estivesse ela a ser filmada ou não, fosse ela tecnológica ou não.

E voltaram a enfiar as axilas no meu nariz ao mesmo tempo que me iam “mandando as chapadas” (...)

“Está na hora! Temos de entrar.” disse um dos cavaleiros.

Um dos cavaleiros deu-me a mão, puxando-me para cima, vindo logo outro cavaleiro também, dando-me a mão do outro lado. E foi assim que entrei no túnel com eles, de mãos dadas. Andámos cerca de 500 metros e finalmente tiraram-me a venda e as algemas. Havia uma nascente que fazia correr água em cascata, duas mesas retangulares compridas em “L”, três sofás em “U”, três camas *king size* em “Z” e 11 candeeiros de petróleo acesos. Perguntaram-me se eu sabia qual é que era a chave da “nossa” malta de cavaleiros tecnológicos e eu respondi interrogativamente se seria “luz”.

O meu padrinho lançou-me um isqueiro para as mãos que “dizia” “luz” e atribuiu-me o candeeiro que estava sem luz, oferecendo-me o privilégio de o acender “agora” com “a minha luz”.

“Está na hora! Temos de começar.” disse um dos cavaleiros.

“Quem é que faz a sopa?”

“Eu faço.”

“Quem é que faz os filtros?”

“Os filtros? Mas vamos fazer quantos?”

“Uns três ou quatro, para estar sempre a girar...”

“Vão fazer sopa?” perguntei inocentemente.

Todos os cavaleiros riram-se da minha inocência.

“Vamos fazer uma sopinha para ti para ver se gostas, mas é uma sopinha com uns ingredientes especiais...” respondeu-me um deles.

“Que ingredientes especiais são esses e que sopa é essa?”

“É uma sopa para rir...”

“Para rir? Só se drogarem a sopa...”

“Quando perguntamos quem é que vai fazer a sopa, estamos a perguntar quem é que vai misturar o tabaco com a erva ou quem é que vai derreter ou desfazer o pólen ou a bolota para misturar com o tabaco...”

“Ah! Vão fazer charros...” concluí.

Estávamos os 12 sentados nos sofás, eu ao colo do Hugo e outros dois cavaleiros ao colo de outros cavaleiros. Um dos cavaleiros ficou muito indignado por eu estar no último ano da faculdade e nunca ter experimentado fumar um charro. Mas a indignação dele deu lugar a uma insistente insistência. Ele insistia que eu tinha de experimentar e que não poderia “morrer burro”.

“Burro seria se eu experimentasse tudo aquilo que eu sei que faz mal.” respondi-lhe.

“Isto, uma vez ou outra, não faz mal a ninguém.”

“Depende. Pode não fazer mal a ti, mas pode fazer mal a mim.”

“Então tens de experimentar, para ver se te faz mal ou não. Se gostas ou não. Tens de experimentar para saberes se gostas. Só experimentando, é que podes depois falar. Não se pode falar à toa de uma coisa que nunca se experimentou.”

“Desculpa, mas o que estás para aí a dizer é um grande disparate! Tu não tens de experimentar tudo. O corpo humano tem um limite. É importante conheceres o limite do corpo humano. Não vale a pena pores-te a 200 km/h se sabes que se bateres a essa velocidade, por causa do embate, vais morrer. Há um limite físico do corpo humano. E há também um limite químico do corpo humano. Qualquer substância psicótica interfere quimicamente com a orgânica do cérebro. Sem fumar essa droga, eu sei que se fumar essa droga, essa droga, vai interferir com a minha mente.”

“Só vai interferir com a tua mente se quiseres, se deixares ou se fores fraco... Esta pode ser uma prova a ti mesmo.”

“Mas prova de quê? Há um limite químico do corpo humano.” repeti, “E a mente faz parte do corpo humano.”

Em cada insistente convite para fumar a droga eu resistia e cada vez que eu resistia à droga, ouvia o Hugo a suspirar. Parecia que estava com uma “camada de nervos”. Parecia que se passava por cada resposta minha que ouvia. Gozava com tudo aquilo que eu dizia. E concordava sempre num cronometrado “exatamente”, que num perfeito coro realizava com os outros cavaleiros à voz do cavaleiro que insistia para que eu fumasse.

Obviamente que não ia tomar aquela droga com eles. A minha prova de amor não era resistir à orgia drogada, àquela orgia manipulada, montada com droga, mas sim, não tomar aquela droga. Não tomar a droga é que era a minha maior prova de amor.

“Mas tens medo do quê? O que é que achas que vai acontecer? Vamos começar todos a comer-nos? Achas?” perguntava-me o Hugo.

“Eu não acho nada.” respondia-lhe.

“Ou vais dizer que não pensaste nisso?” perguntava-me atrevidamente um dos cavaleiros num libidinoso olhar.

“Vou!”

“Eu consigo ler pensamentos...”

“É melhor pensares que lêes os pensamentos dos outros do que pensares que os outros leem os teus pensamentos...”

“Porquê?”

“Porque senão, poderia ser um traçozinho teu qualquer de esquizofrenia... Talvez, antes de continuares a tomar essas drogas, fosse importante consultares o teu “limite químico”...”

“Estás a estragar tudo!” disse-me primeiro diretamente o cavaleiro, “O teu namorado está a estragar tudo!” falando depois diretamente para o Hugo, como se estivesse a reivindicar algo.

“Eu estava cheio de tusa e já não estou...” disse outro cavaleiro.

“Ya... Eu também estava cheio de tusa e já não estou...” disse outro cavaleiro.

“Também perdi a tusa com esta conversa toda...” disse outro cavaleiro.

“Ya... Eu também já estou a perder a tusa...” disse outro cavaleiro.

“Se calhar, não devias ter trazido o teu namorado...” disse outro cavaleiro.

“Ele vai fumar connosco!” respondeu-lhes o Hugo.

“Não! Não vou!” respondi, “Vou ficar é a ver-vos a fumar!”

“Vais fumar!”

“Não vou, Hugo!”

“Vais, Arthur!”

“Não!”

“Mas tens de fumar!”

“Não tenho de fumar nada!”

“Tens! Não me estás a ouvir?”

“Não vou fumar!”

“Vais fumar! Vais ter de fumar!”

“Eu não vou fumar, Hugo!”

“Vais fumar, vais! Todos estão a fumar, também vais ter de fumar!”

“Eu não vou fumar! Fuma tu com eles! Eu não fumo!”

“Aqui toda a gente fuma, por isso vais ter de fumar!”

“Eu já te disse que não vou fumar!”

“Mas vais ter de fumar! Podes dizer o que que quiseres, mas vais fazer aquilo que eu te estou a dizer para fazeres!”

“Que raio de conversa é essa Hugo?”

“Estás a faltar-me ao respeito à frente deles, porquê Arthur? Eu sou o teu namorado!”

“Nem pareces meu namorado...”

“Toma! Fuma! Pega nisso! Pega! Pega no charro ou enfio-te pela boca...”

“Ele quer é que tu lhe enfies pela boca, Hugo... Mas não é o charro... É a pila...”

“A pila não... As pilas...”

“A minha pila parece que ressuscitou...”

“A minha pila também ouviu falar em pilas e ressuscitou logo...”

“Isto parece a ressurreição das pilas...”

“Mas então o teu namorado fuma isso ou não, Hugo? Eu já estou outra vez cheio de tusa também...”

“Fuma isso, Arthur!” insistia Hugo.

“Ó Arthur, dá-lhe só um bafinho... Vais gostar...”

“Tu estás a ver-nos a todos em tronco nu, depois de fumares vais ver-nos a todos não é só de tronco nu... Mas tens de fumar, é melhor obedeceres ao cavaleiro alfa... O cavaleiro alfa é quem manda aqui... E eu já não estou a dizer coisa com coisa... Mas ya... Fuma... Mas despacha-te a fumar isso, que a malta toda já fumou...”

“Se tu já estás a gostar de nos veres em tronco nu, que não digas que não estás, porque estás... Imagina só depois de fumares e veres-nos todos nus... Mas é todos nus sem tirar as roupas... Vai ser magia... Vai ser uma magia que tu vais ver... Mas para veres a magia, tens de fumar... Nós só queremos mostrar-te a magia das coisas...”

“Arthur, fuma! Já me estou a passar contigo!” dizia-me Hugo agressivamente.

“Eu já lhe tinha mandado uma! Mas era mesmo aqui... Sem droga ou com droga... Com magia ou sem magia... Com tecnologia ou sem tecnologia... Mas com droga nos cornos dói menos, ya...”

“Com droga nem dói e vai fazer todo o sentido.”

“Quando fumares... Vais ver que tudo vai fazer sentido... Agora podes não estar a perceber... Mas se fumares, vai tudo encaixar-se como um puzzle... Acredita em nós... Nós também éramos como tu... Mas depois vimos a verdade... E nós só queremos que tu vejas a verdade... Ninguém está aqui para te fazer mal... Estás aqui com o teu namorado e com os amigos do teu namorado... Ninguém está aqui para te fazer mal...”

“Muito pelo contrário... Nós estamos aqui é para te dar colo, para te dar guarda, para te defendermos as costas... Somos cavaleiros...”

“Nós só queremos é dar-te o sentido da vida... Abrir-te caminhos no cérebro... Novos caminhos...”

“A minha pila vai te dar outro sentido à vida...”

“Como é que tu permites isto Hugo?”

“Eles estão só a brincar contigo, Arthur! Ainda não percebeste? Eles só querem mexer com a tua mente... Só te querem pôr à prova... E em prova do nosso amor, por favor, fuma isto, estou-te a pedir... É a maior prova de amor que me podes dar!... Vais perceber “o porquê” depois de fumar! Eu juro! Mas para isso, tens de fumar, por isso fuma... Por favor, Arthur... Eu amo-te!”

“A maior prova de amor que eu posso dar-te Hugo, é não pegar nessa droga! E como tal, eu não vou pegar! Não vou fumar nada!”

“Já me estou a passar, Arthur! Tens de fumar, ainda não percebeste? Se não fumares, eu acabo tudo!”

“Mas antes de acabares com o teu namorado, deixa-me primeiro enfiar-lhe a pila na boca... Já que não consegues enfiar-lhe o charro na boca...”

Assim que me levantei todos os cavaleiros levantaram-se. Vi que havia 5 corredores. Tinha vindo vendado, não sabia qual dos corredores haveria de me levar à saída. Intuitivamente escolhi um. Mandeí uma corrida e eles vieram todos atrás de mim a correr.

“Tu não podes sair do túnel assim. Disseste que fumavas, vais ter de fumar...” dizia ofegantemente o Hugo em passo de corrida atrás de mim.

Quando vi a luz ao fundo do túnel, vi um drone a sobrevoar a saída e dois “seguranças” novíssimos e giríssimos, musculados, de fato e gravata e auriculares. Será que aquele drone estaria pronto para entrar pelo túnel, assim que recebesse uma ordem de um dos cavaleiros tecnológicos a dizer que o culto orgiástico tinha sido iniciado? Faria isto parte de um filme? Seria isto um filme que o drone iria filmar? Onde é que estava

o meu contrato? Eu não tinha assinado contrato nenhum!

(...)

## Os cavaleiros tecnológicos

“Que procuras?”

“Conhecer real e logo se vê e tu?”

“Só estou interessado em *fun*, queres?”

“Ya... És passivo ou ativo?” perguntei.

“Sou *atv*. E tu, és *pass*?”

“Sim, sou *pass*.”

“E tens sítio agora?”

“Sim.”

“Envia também fotografias de corpo.”

“Não tenho nem envio fotografias íntimas.”

“Ok, podes agora?”

“Sim.”

“Envia localização, (...)”

“(...) Dá-me o teu número, vou sair aqui da aplicação e envia-te a localização por mensagem.”

Tinha uma outra aplicação, para além da *aplicação* onde conhecia os cavaleiros tecnológicos, em que eu inseria o número e cruzava logo o número com o perfil oficial virtual. Pedia sempre os números deles para ter a certeza que estava a falar com os cavaleiros e não com perfis falsos deles. Para ter a certeza que eram mesmo eles. Conhecia o apelido deste cavaleiro tecnológico que estava a chegar (...), era um dos apelidos mais conhecidos e mais sonantes da cidade. Conhecer o apelido dele, tornava “a cena” mais familiar e, por isso, não tinha receio nenhum em lhe dar a minha localização, deixando-o entrar (...) pela janela do meu quarto. Era da mesma equipa de horseball dos outros cavaleiros com quem eu já tinha estado. Faltava este cavaleiro para eu poder dizer que tinha “rodado” uma equipa inteira de horseball. Eles eram todos giros, mas este, por acaso, era o mais giro e eu já tinha tido um fraquinho por ele. Quando tive o fraquinho por ele, não fazia ideia que ele fosse gay. E ninguém sabia que ele era

gay senão quem estivesse e o conseguisse apanhar na *aplicação*.

Antes de ter apanhado o Luís na *aplicação*, tinha apanhado o Manel Toiros. O Manel Toiros também tinha sido um dos cavaleiros que mais tinha mexido comigo durante todo o liceu, mas durante todo o liceu, o Manel Toiros só andava com miúdas e gozava com os gays chamando-os paneiros e dizendo que a *paneiragem* tinha de acabar, porque Deus não gostava dos paneiros. E dizia aquilo, mas olhava-me sempre de uma forma muito especial. E por causa desse olhar, que ele estabelecia comigo, eu sabia desde sempre que ele também era um “paneiro” como eu, como ele dizia. Assim que recebi as fotografias dele, enviei logo as minhas.

“Arthur?” perguntou-me o Manel na *aplicação*.

“Manel?”

“Cabrão! Também andas aqui?”

“Também ando aqui...”

“E o que é que andas aqui a fazer?”

“Andava aqui à tua procura...”

“És *pass* ou *atv*?”

“Não achas que há coisas mais interessantes que podemos falar sem ser a nossa posição sexual favorita?”

“Tipo o quê?”

“Não sei... Mas podemos ir beber uma cerveja a algum sítio...”

“Eu só procuro *fun*! Tenho namorada! Tu não és assumido, pois não? Não curto gajos assumidos.”

“E a tua namorada sabe que estás aqui?”

“Achava que eras um gajo bacano e que querias mamar-me. Mas já vi que não. Fica bem.”

E bloqueou-me.

Antes de ter sido bloqueado pelo Manel na *aplicação*, tinha apanhado o Tomás Bravo. O Tomás Bravo tinha entrado na minha mente e no meu coração

no meu primeiro dia de aulas da faculdade. Nós não parávamos de olhar e sorrir um para o outro no auditório. No intervalo, tentei falar com ele e apareceu um rapaz que se meteu aos beijos com ele. E tive de grammar os olhares e sorrisos que ele me fazia e depois vê-lo aos beijos com o namorado. Quando ele acabou com o namorado dele, veio logo procurar-me; mas eu já estava com o Hugo e claro que não lhe liguei nenhuma. O Tomás Bravo era considerado, pelos placards que se afixavam em hologramas espalhados por toda a faculdade, como o cavaleiro mais *hot* da faculdade; ele jogava horseball pela equipa da faculdade. Mas eu já tinha o meu cavaleiro. E o meu cavaleiro era o Hugo. O Tomás Bravo até poderia ser o cavaleiro mais hot de toda a galáxia, que eu já tinha o meu cavaleiro. Mas quando acabei com o Hugo, voltei para a *aplicação* e apanhei lá o Tomás Bravo.

“Hey!”

“Hey!”

“Então, caíste do cavalo do teu namorado? Eu não te deixava cair...” perguntou-me o Tomás.

“Mas deixaste cair o teu namorado...”

“Eu não o deixei cair... Ele não está cá...”

“Não está cá?”

“Sim... Foi passar o fim-de-semana fora ao estrangeiro...”

“Mas acabaram?”

“Népia...”

“E porque estás a traí-lo?”

“Não estou a trair ninguém...”

“Se tens namorado e estás nesta *aplicação*, estás a trair!”

“Népia... Nós temos uma relação aberta...”

“Uma relação aberta?”

“Sim, porquê? Vês mal nisso?”

“Eu vejo... Mas não sou eu que tenho de ver nada... A relação é vossa...”

“Ya... É a nossa cena... Como é? Vens à minha casa ou vou eu à tua?”

“Não estou interessado! Abraço!”

“Não estás interessado como?”

“Não estou interessado em estar contigo se tens namorado.”

“Mas não me achas giro?”

“Não interessa. Tens namorado e não estou mais interessado em falar contigo.”

“Mas eu já te disse que nós temos uma relação aberta, portanto não há mal nenhum em estarmos juntos.”

O Tomás Bravo enviou-me fotografias dele em tronco nu e do pénis dele na *aplicação*.

“Então, vens à minha casa ou vou eu à tua? Eu tenho carro voador, posso ir ter contigo onde quiseres e irmos *foder* em cima das nuvens. Já *fodeste* alguma vez nas nuvens? Comigo, vais às nuvens, se quiseres...”

Bloqueei-o.

Tive pena de bloquear o Tomás e ter sido bloqueado pelo Manel. Tive pena de saber que eles objetificavam as relações e faziam das relações autênticos passatempos. Era estranho ter tido fraquinhos por eles, ter pensado neles durante uma boa parte da minha vida, imaginando-os como bons namorados e como bons cavaleiros, desenhado uma esfera de legítimos sonhos com eles à volta deles e afinal eles serem tão ocos, tão fúteis e tão sexuais. Sabia que mais de metade dos cavaleiros que estavam na *aplicação* procuravam só sexo, mas também sabia que muitos cavaleiros que estavam na *aplicação* e que inicialmente procuravam só sexo, depois quando vinham ter comigo acabavam por ficar a namorar comigo, nem que fosse um mês, uma semana ou um dia, mas ao menos faziam de mim um romance e não uma noite grotesca de sexo.

E como eu achava mesmo que tinha poderes especiais e que os rapazes quando me vissem em carne e osso e estivessem comigo de corpo e alma esquecessem logo o *fun* deles, eu tinha dito ao Luís que alinhava naquele *fun* com ele, mas não ia alinhar coisa nenhuma. Só queria vê-lo a (...) pelo meu quarto e queria que ele ouvisse a minha voz, visse o meu coração, visse a paixão que eu tinha por ele. Acreditava que se ele visse isso

tudo com os olhos dele, que eu adorava, ele poderia também apaixonar-se por mim.

Eu queria conversar com ele. Perguntei-lhe se ele queria beber cerveja ou vinho. Queria ir buscar morangos e uvas, queria pôr uma boa música a tocar, mas ele interrompeu todo o meu romantismo e disse logo que queria era *foder*.

“Anda cá!” puxou-me o Luís para o colo dele, dando-me duas palmadas, interrompendo eu com a minha mão, a terceira palmada que ele ainda me queria dar.

“Eu tenho vinho, podemos abrir uma garrafa. Tenho morangos e uvas... Ou preferes cerveja?”

“Querias tanto era bombar nesse *cú*.”

“Vou buscar os morangos e as uvas...”

“Deixa-te estar... Não é preciso ires buscar nada... Eu quero é bombar esse *cú*...”

“Aceitas uma cerveja?”

“Ó putolo!... Fizeste-me vir a voar (...) para aqui para nada? Queres *foder* ou não?”

“Não quero! Queria conhecer-te... Sempre tive um fraquinho por ti... Eu lembro-me de te ver a jogar...”

“Ó putolo... Ya... Eu também me lembro de te ver lá nas bancadas a torcer por todos os teus namoraditos e também me lembro de te ver a mamar em todos eles e também me lembro de te ouvir a gemer quando eles te iam ao *cú*...”

“O quê?”

“Ó putolo... Todos os teus namorados gravaram-te e filmaram-te, enquanto tu lhes mamavas de olhos fechados e enviavam para o grupo da equipa, ou achas que rodaste a equipa toda, por acaso? Ou achas que estou aqui, por acaso? Mandavam-te fechar os olhos e tu fechavas e filmavam-te enquanto os mamavas de olhos fechados e eles diziam que te amavam a rirem-se na tua cara e tu acreditavas neles...”

“Estás aqui porque falámos na *aplicação*.”

“Nós somos cavaleiros tecnológicos. Ainda não percebeste, ou queres que te faça um desenho? Nós só

estamos aqui para te gravar o coração e a alma. Só estamos aqui para gravarmos cada gemido teu. Os teus gemidos são nossos, pertencem-nos, porque somos nós que te fazemos gemer. Como é que és? Queres gemer forte ou não? Eu ponho-te a gemer num instante...”

“Podes te ir embora, por favor?”

“Não vale a pena estares a chorar, ninguém está aqui para te fazer mal, a malta só está aqui para se divertir um bocado... Ou não sabes que eu vim para *fun*? É que tu nem lês os contratos... Não lês os perfis... No meu perfil diz lá em grandes letras “*just fun*”... Para que é que vieste meter-te afinal comigo? Falámos e eu disse-te logo o que é que eu pretendia e tu mesmo assim quiseste e estou agora aqui no teu quarto... Já percebeste ou não? Eu estou aqui para a diversão... Só estou aqui “por diversão”... Queres divertir-te ou não? Eu acho que precisas de te divertir um bocado... Estás muito tenso, anda cá...”

“Vai-te embora (...)”

“(...) Estás preso para sempre aos nossos algoritmos. Nós somos os teus algoritmos. Sabemos que somos os teus algoritmos. Prenderam-te para sempre à tecnologia dos cavaleiros tecnológicos. Nós somos a tua tecnologia. Somos os teus cavaleiros tecnológicos.”

(...)

“Tu deves ser algum esquizofrénico ou chanfrado para falares sempre na primeira pessoa do plural... Vai-te embora, por favor!”

“Esquizofrénico vais ficar tu com a nossa tecnologia se não a aceites de uma vez por todas.”

“Mas aceitar o quê?”

“Que estás dentro de um filme e que nós somos os cavaleiros tecnológicos para te darmos colo, costas, colchão e comida... Nós somos a tua guarida!”

“Mas nós quem???? Sai da minha casa! Pareces um esquizofrénico a falar! Vai te tratar! Baza!”

“Ontem não estiveste com o Jorge?”

“Não tens nada que ver com isso!”

“Estiveste com o Jorge. E não sabias que o Jorge namorava com a Maria?”

“Eu só conhecia o Jorge de vista e não fazia ideia que ele namorava com uma Maria...”

“Queres ouvir?”

“Eu não quero ouvir nada, quero é que te vás embora. Estás-me a assustar em cada segundo.”

“Mas eu não te quero assustar. Só quero que vejas a verdade divertidamente. Se vires a verdade com diversão, vais gostar de ver a verdade. Se te puseres a chorar e a querer pôr amor nas coisas que não existem, vais acabar por ficar a chorar. Ninguém te quer ver a chorar. Tu a chorar não rendes nada. Tu rendes é a gemer. Rendes é a gemer connosco. Nós queremos-te connosco. Aliás, tu estás connosco... Tu é que ainda não percebeste, que és um de nós.”

“Mas qual nós? Mas render o quê? Eu não percebo patavina do que dizes. Estás só a falar em código, eu não percebo nada do teu código!”

“Tu também és um cavaleiro tecnológico, sabes muito bem o que eu estou a dizer. (...) Sabes quanto é que um gemido teu está a render no mercado de dados?”

“Eu não estou em nenhum mercado de dados! Se tu estás, bom para ti, agora vai-te embora!”

“Quero que oiças esta gravação, depois eu vou-me embora se me deixares ir embora... Porque depois

da gravação, podes querer que eu não me vá embora e pode ser que eu também não me queira ir embora...”

«— Oh puto, olha aí a conversa! Eu não sou gay! Achas mesmo que eu sou gay? Eu só lhe pus a pila na boca e pronto! Nem sequer lhe toquei! Nem sequer lhe beijei! Acham? Que nojo! Aquilo para mim foi estar a bater uma. Pus-lhe a pila na boca, ele ficou entretido e eu fiquei ali consolado a jogar... Para mim, eu não traí a Maria. Isto não é trair... Eu estava só ali a jogar...

— Oh puto, cala-te! Enquanto o Arthur te estava a mamar tu estavas a jogar?

— Ya...

— E o gajo via-te a jogar e continuava naquilo?

— Ya... O gajo queria era mamar, então eu dei-lhe de mamar...

— Ó Jorge, *foda-se*... Que falta de respeito... O gajo ali a mamar-te, a esforçar-se todo e tu todo patrão ali a jogar...? Ao menos fazias-lhe umas festinhas na cabeça... [risos]

— *Foda-se*, ó Jorge, não me digas que nem umas festinhas lhe fizeste... [risos]

— Pelo menos, fazias-lhe uma ou outra festa... [risos]

— As festas não estavam no contrato... No contrato só estava “dar de mamar” e filmar...

— E filmaste?

— Claro, já vos mostro... Tenho aqui... Vocês já vão ver o Arthurzinho (...)

— Um gajo gosta sempre de ver a mamarem-lhe!

— Ah, foda-se! É ou não é? Claro!... Agora não me chamem gay, por isso...

— Um gajo gosta sempre que lhe façam um biquinho...

— Ah, pois não! *Foda-se*... E tenho de admitir... O Arthur parece que nasceu para mamar... Juro... Mama melhor que a Maria! [risos]

— Se ele gosta de mamar, então que mame aqui! [risos]

— Não... Se o Arthur mama melhor que a Maria do Jorge... Então que mame, mas é aqui... [risos]

— Ó, Arthur! Estás a ouvir-nos? Vem mamar aqui! Toma! Mama aqui, Arthur!

— Mama-me, Arthur! Sou todo teu!

— *Foda-se...* O gajo que ponha aqui outra vez a boquinha dele (...) Agarro-lhe pela nuca e pelos cabelos e zás... Enfio-lhe a pila toda na boca...Ya, desta vez, até lhe faço umas festinhas na nuca... [risos]

— Ah... Assim está bem, ó Jorge... Assim se fores tão querido até eu te mamo... [risos]

— Ontem era o gajo já todo engasgado e eu: “Toma, caralho! Não gostas (...)? Não querias (...)? Então, vá! Agora vais engasgar-te todo (...)”...» [risos]

“Já ouvi que chegue, Luís. Podes parar a gravação.”  
(...)

**Não deixe o espírito deste  
autor morrer.**

**Está nas suas mãos não  
deixar o espírito deste  
autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor  
para o IBAN  
PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

Para ver os outros demos desta obra, na página dos Member Writers no site da Jupiter Editions [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com) vá à subpágina do autor e clique nos botões dos vários demos.

**O seu donativo é muito importante  
para proteger a qualidade de  
escrita do autor e não deixar o  
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor  
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o  
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o  
IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

Este demo foi publicado pela Jupiter Editions em  
[www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com) no dia 23 de agosto de 2021